

# O FIGUEIRODENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR



## ASSIGNATURAS

Um anno . . . . .	1\$200 réis
Seis mezes . . . . .	3600
Para o Brazil, por anno . . . . .	2\$000
Para a Africa, por anno . . . . .	1\$200
Numero avulso . . . . .	30

Annunciam-se as obras das quaes se receba 1 exemplar.

## PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR—Manuel Luiz.

Officina de impressão e Administração—RUA DA TORRE

## PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha . . . . .	40 réis
Repetições . . . . .	20
Imposto do sello . . . . .	10

Originæes sejam ou não publicados não se restituem. Annuncios permanentes e communicados preço convencionado.

## O MARTYR

Pertransiit beneficiendo

Elle prégava a Egualdade.

Para que todos fossem eguaes, era necessario que todos fossem bons. E para isso, que muitos abdicassem ao prazer e ao interesse de serem maus e cessassem de fruir remançosas soberanias. Que desde então todos renunciassem a attingir as graças dos Cesares e aspirassem antes á simplicidade harmonica, que o candido espirito do evangelizador annunciava ter no céu a sua moradia. O povo, as legiões de eternos escravos reinariam lá, e lá seriam todos tão ricos e tão poderosos como aquelles a quem toda a vida haviam servido.

Por preço d'essa fortuna, apenas a desambição.

O povo foi o primeiro a crer n'essa nova vida. Os escravos não podiam invejar o poderio, porque o poderio os esmagára sempre cruelmente, escarnecendo-os. E elles não queriam ser escarnecidos nem odiados, como odiavam os seus senhores.

Logo que a redempção consistia na fraternidade santa, que a felicidade não exigia mais que a pratica do martyrio, ninguém como elles, como escravos, como o povo podia abalancar-se a essa jornada, para ir buscar o pão que daria para toda a vida porque havia de durar em quanto o amor durasse.

Aos poderosos era o desafio. O evangelizador arrancava-lhes o seu dominio; os languidos sybaritas não teriam mais quem lhe fricionasse os pés com essencias mornas, e em paga as túnicas brocadas haviam de beijar as vestes esfrangalhadas dos famintos e dos miseros.

Era um insulto ou uma insania? Aquelle homem que dizia trazer de presente aos homens a paz e a perpetua ventura, seria um criminoso? ou seria um louco?

Nem louco, nem criminoso. Mas aos poderosos convinha que assim o vissem as multidões: entre um doente d'espirito e um réo.

A oppressão surgiu. E aquelle que prégava o amor, o amor reciproco, viu contra elle voltar-se o odio dos privilegiados. Elle continuava confiado e sereno palmilhando todas as affrontas, e mesmo ao dormir sobre apupos na sua bocca desabrochava immaculada a flor roxa da resignação.

Elle era o annunciador da paz, e, por isso mesmo, por onde a sua tunica quieta roçava um cyclone de iras incendiava o ar, e por isso mesmo foi um symbolo de rebeldia, a imagem dos Revolucionarios.

De facto, o halito dos céos da Galiléa ia lavrando pelo mundo a maior Revolução.

Mas para essa revolução não se recrutavam lanças: o coração era o unico escudo.

Assim as mulheres e as creanças foram a vanguarda dos seus bandos.

A oppressão proseguia, mudada já em perseguição ao grande errante da Bondade e aos seus apóstolos.

O peito abria-se-lhe, então, n'um sorriso intermino, para acolher com o mesmo amor, com a mesma bondade,

com o mesmo principio de Egualdade, os que o repellião com os ferros.

A sua alma de illuminado bem sabia que as suas proclamações de Amor haviam de erguer as linguas da Descrença e do Odio.

Cada pedra, porém, que lhe arremessavam era uma sementeira, que, espargelando-se pela terra santa, desabrochava mais tarde em veigas de flores.

Cada passo da sua sandalia, um sulco de esperanças, por onde as aguas do soffrimento humano corriam apaziguadas.

Para elle acorriam todos os que uma injustiça, uma crueldade ou um luto acossava. Os chaguentos d'alma e de corpo eram enlaçados no mesmo abraço egual.

Na sua tenda branca eram sagrados irmãos todos os homens. Todos se amavam.

Como não houvera de surpreender que d'essa harmonia d'almas surdisse um dia o sussurro d'uma traição?!

Só Elle não teve o menor estremecimento de surpresa.

Tambem quando no Golgotha as suas carnes ouviram a symphonia do martyrio, dos seus olhos não chispou senão a luz de perdão reconciliatorio.

Um poente d'agonia arroxava a terra e as almas. Gemiam nos longes canticos de violeta. Fragores despedaçavam-se: a luz suavissima esboreando as Terras.

Por entre o luto, ascendiam no espaço os halitos das almas e as sombras das arvores. Os choros de Maria, as plangencias cinreas dos cyprestes, uniam-se, parecendo subir ao céu enlaçadas á alma do Martyr.

Tudo tendia, na natureza e na historia, para a harmonia suprema do Amor.

A lança d'um phariseu afogou um grito de horror, ao ser impellido contra os flancos do Crucificado.

Uma gotta de sangue purpureou, como a roseta d'uma aurora.

José de Animatheia foi recolher n'essa fonte o sagrado licor, que o Parsifal com os seus cavalleiros do S. Graal haviam de venerar, na prosterneação longa dos tempos.

E a legenda não diz, desgraçadamente, se o vaso de S. Graal chegou jámais aos labios d'alguem simples, que continue a senda do abnegado filho de José.

Apenas se sabe que n'aquella noite do estertor o candido profetario aproveitara a tortura da cruz para alongar ainda mais os braços e abraçar no derradeiro gesto toda a humanidade opprimida e desditosa.

(Do Jornal de Noticias).

## EN SEXTA-FEIRA DE PAIXÃO

«Crucifica-o, crucifica-o!»—Cont estas palavras responderam os judeus a Pilatos, quando o governador romano, á porta de seu palacio, em Jerusalem, lhes perguntava o que havia de fazer de Jesus.

«Crucifica-o, crucifica-o!»—Estas palavras tiveram fiel cumprimento no Calvario, quando o Christo foi posto e levantado na cruz.

Eis um padrão inconfundivel, a linha divisoria indelevel constituindo separação de idades e de homens.

«O que era a cruz nos cyclos pagãos, e até na propria letra da lei de Moysés? Era um instrumento infame, um supplicio, mais do que nenhum outro, ignominioso, destinado a ser a extrema pena do crime...

A historia profana não desmente de facto, esta resposta precisa de Sena Freitas a sua propria interrogação: traça quadros pungitivos de morte de cruz, ordenados em nome de leis crueis. E' celebre que apóz mil e novecentos annos haja alguem que dobre o joelho ao avistar a imagem do condemnado de Pilatos, pendente de madeiro patibular.

Qual é a significação racional d'este phenomeno?

Na hora em que a perfidia da Synagoga logrou pelo nome de Cezar vencer no animo do governador cobarde todos os escrúpulos de entregar á morte um innocente, n'essa hora já tinham rodado mais de quatro mil annos desde o apparecimento da creatura humana sobre a terra.

Porque accusavam Jesus, os seus compatriotas? em que tinha elle delinquido?

«Que mal fez este homem? Não encontro n'elle nenhuma causa de morte».—Poncio Pilatos exprimira assim o seu pensamento á multidão embelecada pelos grandes sacerdotes. Depois, vendo que não alcançava demovel-a de seus desejos sangrentos, lavou as mãos exclamando: «Estou innocente do sangue d'este justo. Sois vós que respondeis por elle.»

Então, disseram os judeus: «Que o seu sangue cáia sobre nós e sobre os nossos filhos».

Em seguida, Jesus Christo foi conduzido ao Calvario, soltando estas palavras propheticas durante o percurso: «Filhas de Jerusalem não choreis por mim. Choraes por vós e pelos vossos filhos! Eis que se approximam dias em que se dirá: Felizes as estereis, as entranhas que não crearem, os seios que não amamentarem! Então gritarão ás montanhas: Cahi sobre nós! e ás colinas: Cobri-nos!»

Logo que o pregaram no madeiro, ergueram e collocaram a cruz e o suppliciado no meio de dois ladrões crucificados!

Christo teve ali uma supplica sublime pelos seus verdugos: «Pae, perdoa-lhes, não sabem o que fazem!»

Voltando-se para um d'aquelles dois criminosos, que se lhe havia dirigido com humildade proferiu esta affirmção singular: «Em verdade te digo, hoje mesmo estarás commigo no Paraizo».

Quem poderia ser aquelle que falou assim? Didon respondeu inuitissimo bem, escrevendo as linhas seguintes: «Jesus Christo é o grande nome da historia. Ha outros pelos quaes se morre: é o unico que se adora através de todos os povos, de todas as raças de todos os tempos.»

O dito do centurião foi justissimo: «Vere Hic Homo Filius Dei erat».

Sim! pendias no teu madeiro ó Christo, e precedendo a hora em que entregaste o espirito divino nas mãos omnipotentes do teu eterno Pae, tinhas articulado a phrase misericordiosa de perdão com que foram resgatados da culpa os dois seres por excellencia que Deus destinára desde a eternidade á realeza soberana sobre as coisas da terra,—homem e mulker!

Os que te crucificaram não te comprehendiam, os que prepararam o martyrio da tua Paixão comprehendiam-te demais!

Nos designios mysteriosos do Creator coubera, porém, fora de inicio no tempo e livre de termo no espaço o esplendor de teu sangue e a aurora irredimivel de tua agonia redemptora das gentes.

Hoje mesmo se repete quotidianamente nos templos catholicos e é consumado no altar pelo levita o sacrificio luminoso do Calvario, e ainda agora, ó Christo, a tua graça immaculada é a unica esperanza dulcissima, o conforto exclusivo de valimento, a benção deliciosa, solemne angusta capaz de levantar o homem degenerado e approximal-o do seu Deus!

Houve philosophia ousada, poesia brilhante, sciencia vastissima que irradiassem antes de ti na arena do mundo e na vida dos povos; contudo, nem a philosophia era despreendida de miseria, nem a poesia cantava o ideal verdadeiro, nem o saber se amparava aos methodos legitimos.

Os sentidos dominavam quasi inteiramente a existencia das sociedades em que rarissimos espiritos transcendiam a meta vulgar, contemplando o Céu e onde a nenhum era dado entrever a tua imagem arruante!

O prazer brutal e a ambição desenfreada dos conquistadores abafavam o brado gemido das multidões captivas no ergastulo de seus senhores aos quaes a lei conferia direito de vida e de morte sobre a massa dos escravos.

Não ignoravas isto, ó Christo, conhecias a linguagem mystica das lagrimas e vias avançar para ti sedentadas de luz celeste as miseras creaturas em cujas palpebras ellas borbullavam em caudal de soffrimento atroz!



Sim! pendias no madeiro da dor, mas não morrêras na tua essencia divina e nem sequer o instrumento do supplicio significava um occaso passageiro na rehabilitação da carne: quizeste que a ingratição gravasse no teu corpo salvador os estigmas indeleveis do proprio crime, e consoante os decretos da Omniscencia Increada, offereceste-te em holocausto de Redempção!

«Vere hic homo Filius Dei erat».

Vae correndo n'um delirio veloz o tempo da vida e affastamo-nos cada vez mais da epoca memoravel em que Jesus Christo foi entre os homens, mas não obstante a verdade absoluta do facto, existe segura na consciencia do mundo catholico a convicção intima de que as hastes patibulares em que o doutrinador da Judéa pendeu sem alento, honrarão para sempre como elemento de gloria divina e como timbre imperecivel de batismo este planeta, em cujas regiões diversas já é florente a adoração da Cruz.

A Historia não possui em suas galerias um quadro de maior imponencia que o das conquistadas da Boa Nova, operada pela Cruz e illuminadas pelo Evangelho.

Não ha systematisação de argumentos, nem arrogancias de sabios, nem audacia de energumenos em que possa escurecer-se a obra insinuante de caridade perfeita que depois de haver sido iniciada propheticamente no seio d'um povo contemporaneo dos seculos e insaciavel no caminho das absorpções, teve epilogo affrontoso nos tabuaes de uma cruz.

E como explicar a victoria d'esta Cruz, antigo instrumento de execução capital reservado aos escravos, por outro motivo que não seja tál-a eleito emancipadora das gentes o mesmo Poder excelso e venerando que suscitou a Moysés para a sahida do Egypto e para o ensinamento do Sinai e que tomou carne de Messias libertador promettido, offerecendo-se, victima augusta, na ara do Calvario?

O estudo profundo do theatro anatomico e as investigações mais nmiamente arrojadas no laboratorio da Natureza, dizem bem alto da Intelligencia Summa que rege o Universo, deslumbrados como ficam a cada passo os sonhadores do Ideal e os pesquisadores do Positivo.

Ora, sendo assim nitida na eloquencia austera a visão de Deus pelos documentos originaes que confundem e abysmam a sciencia da terra, e satisfazendo a Biblia a todos os requisitos de authenticidade que a logica exige para a verificação historica, como pôde ser posta em duvida a razão do Evangelho, a Divindade de Jesus Christo e a philosophia da Cruz?!

El só a nossa fraqueza que nos irrita, e é ella quem nos move á negativa do que é evidente e aos excessos de simulação.

Todos quantos ousam affastar-se do credo symbolisado pela Cruz e tentam sophismar a doutrina apostolica, nunca chegarão á hora por que suspiram, de ver abafada a bandeira de Jesus Christo e considerada duvidosa com fundamento legitimo a genealogia suprema da sua pessoa divina.

Ella ha resistido no curso de 1900 annos a todas as investidas da calumnia alvar e a todos os protestos ruidosos da má fé ignorante.

O' Jesus de Bethlem! confesso a tua Divindade no fóro interno de minha alma, e quando peço noticia e relação de tua Lei, aos annaes dos povos e ás velhas chronicas, confirmam os olhos da materia organica o que a vista espirital me não tinha recusado aceitar.

Cruz do Calvario! madeiro insigne e emblema santo, curvo-me reverente diante de ti: os teus braços amplissimos são doce carinho de mães desvelladas e protecção efficaz contra os vaivens da sorte!

Salve! lenho do Crucificado, sol que a todos fortaleces, fanal ethereo cujas scintillações ridentes chegam a todos os continentes, guarida que acolhe todos os infelizes, quero que sejas sentinella do meu pó e imploro do Martyr que te humedeceu de sangue precioso hajas de continuar a refulgir como signal de autonomia no estandarte glorioso em que se ostentam as quinas e como expressão arrebatadora de hymno de amor fraternal nos horizontes dilatados da familia humana!

Abril de 1900.

(Da Crença e Ideal Politico).

ALLELUIA!

Terminou a piedosa commemoração do Calvario. O ceu, hoje, parece mais limpido e azul, o sol, mais radiante, a aragem mais tepida e rescendente e as aves parece terem gorgeios mais alegres. A primavera rompe triumphalmente nas arvores e nos campos, em ramagens tenras, nas arvores, e em flores mimosas nos silvados e nos jardins.

A' tristeza profunda de hontem, aos canticos melancholicos e enternecidos da l'g eja, a dentro dos templos, corresponde hoje, cá fóra, como que a anunciar n'um grandioso hymno festival a resurreição de Jesus. Repicam os sinos dos campanarios, esfusiam, no interior das egrejas, notas vibrantes de musica, torrentes de harmonia enchem as naves das cathedraes...

E como se mysteriosa mão rasgasse esse enorme veu de tristeza, surgem risos e canticos, hymnos e festas pelo espaço fóra.

Trocam-se saudações e cumprimentos, fazem-se votos de paz e de felicidade. Como que se abre para todas as familias, uma era nova, uma nova data promettedora de largas consolações e alegrias. Tamanha é a força da tradição de velhos tempos; pelas edades fóra, tem vindo até nós esse costume lançado [pela religião no seio dos povos, como semente bendita, a apagar dissensões, a escurentar offensas, a firmar cada vez mais o elo fraternal, que une todos os homens. A festa da resurreição é uma festa universal. Redevivo para a gloria,

para o ceu—o Homem que proclamava a egualdade universal, deixou na terra a grandiosa manifestação da sua personalidade, na affirmação soberana da mais bella doutrina, que ainda germinou em cerebro creado.

E esse acatamento, prestado pela grande familia humana ao papel messianico de Jesus, demonstra-se eloquentemente em toda essa alegria, que brinca nos labios e sorri nos olhares. Ricos e pobres estremecem ao mesmo pensamento, que os irmana e eguala. Nos palacios e nas cabanas ha a mesma satisfação, a mesma alegria. O resuscitado abriu para todos a mesma aurora de perdão. E ainda mais para os humildes, para os pobres, a quem elle amou com mais entranhado affecto, esta data é mais festiva, porque lhes levantou e engrandeceu a personalidade moral, ha tantos seculos abatida e espesinhada.

Alleluia! alleluia!

A obra social de Jesus Christo, se muito, muitissimo, destruiu dos velhos preconceitos e dos antigos despotismos, não conseguiu ainda arrancar do coração humano toda a ruindade que ali reside, a suffocar os sentimentos altraiistas, as virtudes santas, que a religião ali semeou. O povo ainda é o eterno desprezado das castas e das raças. Mas, umas, vão desaparecendo; o caracter differencial de outras vae-se apagando. Dentro em breve, um homem, em toda a parte, será um homem. O cerebro de todos vae-se pouco a pouco abrindo á luz do Direito e do Bem. E tempos virão,—distantes embora—em que a fraternal doutrina de Jesus tenha culto no centro de todos os lares e congrace as desintelligencias de todos os povos. O Bem e a verdade terão um poder universal grandioso, que reunirá em communhão harmoniosa e espirital, todos os que vivem e todos os que amam.

As guerras, esses odientos conflictos armados, que destroem a tranquillidade das nações, vão, como nunca, merecendo a reprovação geral. Os proprios litigantes a analdicoam. Anceia-se pela paz, como se anceia pela liberdade. A alma humana, obedecendo ás necessidades da concordancia moral, tende a supprimir tudo o que a difficulta, promovendo quanto pôde suscitá-a.

As alleluias foram a aurora da resurreição de Jesus, como a resurreição foi a aurora gran-

diosa para a redempção do povo. Abatido, de rastos, em face do despotismo secular, ergueuse corajoso, ao romper no Oriente a estrella da sua libertação. Luctando pelo Direito, tem vindo edades fóra, como o Christo na jornada do Golgotha, até que um dia possa approximar-se, já sem grilhões nem cadeias, a dizer ao mundo:

—Sou livre! Libertou-me a Cruz!

Alleluia! Alleluia!

A consciencia humana sente n'este brado palpar uma esperança. Não é uma saudação ao passado, é um appello ao futuro. Jesus é de todos os tempos. Acompanha as gerações, norteando-as, animando-as, como encaminhou as creanças e humildes, quando á sombra das palmeiras, nos desertos e nas cidades, lhes apontava as bellezas das doutrinas que pré-gava. O passado jaz no sepulchro da Historia; o futuro reside esplendorosamente bello na sua mente divina. Como uma irradição gradual, vae illuminando a consciencia dos povos.

Alleluia! Alleluia!

A figura tragica do maldito vae sendo relegada para as sombras do esquecimento. Já não ha odio para o legendario faccinora. Ha piedade, muita piedade para a fatal obsecção. Penduravam-lhe a effigie, no meio das praças, ao som das gargalhadas da populaça. Hoje, não. Os traidores morrem victimados pelo desprezo. As alleluias, alegres, santas, benditas, não as perturbam os esgares diabolicos dos justicados. O povo, quando quer matar, despreza. A's vezes, as grandes indignações explodem n'um movimento assassino. E' quando a patria vendida soffre o gargalhar dos vendilhões, que lhe aniquilam as liberdades, depois de lhe sugarem o sangue. Para esses ha outras alleluias. Ha as alleluias do castigo, que são as maldições dos opprimidos, dos sacrificados.

E então surgem as figueiras, os candeeiros, as guilhotinas, para os Judas da patria...

E o povo, então, na grandeza da sua fé e na consciencia da sua liberdade, brada alegremente.

—Alleluia! alleluia!

(Do Correio da Noite)

O Figueiroense

aos seus estimaveis assignates,  
dedicados collaboradores,  
collegas e leitores

BOAS-FESTAS

11—5—1903.



**AVÉ, MARIA!**

Sóam os sinos na campina fria,  
O sol envolve-se em mortalha d'ouro...  
O coração é uria de poesia,  
O peito encerra um colossal thesoiro...  
Avé, Maria! Avé, Maria!

Descança o homem na pungente via,  
Soluça a vida que o trabalho cança...  
Eu quero ver-te, ó Phenix da alegria!  
Eu quero achar-te, ó luminosa Esp'rança!  
Avé, Maria! Avé, Maria!

Que Ceres viceje é que Flóra riá,  
Que importa á alma que perdeu o amor?  
Se o cantó é o mel tirado da agonia  
E' porquê o genio é a suprema dôr.  
Avé, Maria! Avé, Maria!

O dia teve uma infernal magia,  
Prendeu as almas na engrenage enorme...  
O olhar fitava, o coração não via...  
Acorde a alma porquê o corpo dormia!  
Avé, Maria! Avé, Maria!

A lua branca pelo céu vigia,  
Esbate-se a sombra pela tela immensa...  
Tristes! Chegou agora o nosso dia!  
Poetas! abri o coração á cranga!  
Avé, Maria! Avé, Maria!

Cesar invade e no valor se fia,  
E faz ao sol resplandecer a espada...  
Se o bom é fraco—santa cobardia!  
Se Christo é triste—que tristeza amada!  
Avé, Maria! Avé, Maria!

Na choça ou eira ou 'strada ou serrania  
Tira o barrete o camponez absorto.  
Tudo se cala. A terra, que gemia,  
Guarda o silencio de Jesus no horto.  
Avé, Maria! Avé, Maria!

Tudo o que sente pasma e se extasia  
P'ante a magestade da solemne hora...  
P'ra o mundo o corpo, porque a terra o cria!  
P'ra o céu a alma, que nasceu da aurora!  
Avé, Maria! Avé, Maria!

Mayer Garção.

**A humanidade**

A' patria pois, tudo o que vós sois  
e tudo o que vós tendes; o vosso co-  
ração, os vossos braços, as vossas vi-  
gilias, os vossos bens e a vossa vida.  
Quem hesita em morrer por ella, es-  
se, é um infame para sempre.

Todavia, recordai-vos bem, que á  
propria patria deveis preferir a hu-  
manidade; porque os povos teem en-  
tre elles as mesmas relações que as  
familias entre si e estão submettidos  
aos mesmos deveres. O genero hu-  
mano é um, por essencia; e a ordem  
perfeita não existirá, e os males que  
desolam a terra não desaparecerão  
inteiramente, senão quando as nações,  
abatendo as funestas barreiras que as  
separam, não formarem mais do que  
uma grande e unica sociedade.

O patriotismo exclusivo, que não  
é senão o egoismo dos povos, não  
tem menos fataes consequencias que  
o egoismo individual; elle isola, di-  
vide os habitantes dos paizes diver-  
sos, excita-os a prejudicarem-se em  
logar de se auxiliarem; é pae d'esse  
monstro horrivel e sangrento que se  
chama a guerra.

Que mais opposto á natureza e as  
suas leis, que o nome de estrangei-  
ro?

Não somos nós todos irmãos, e co-  
mo será estranho o irmão ao irmão?

Abbadé Lamnais.

**Procição dos Passos**

Teve lugar no domingo preterito  
n'esta villa, esta cerimonia religiosa,  
uma das que aqui se fazem com  
mais esplendor e a que ofulto pres-  
ta maior veneração, sendo acompa-  
nhada pela Philharmonica Figueiroen-  
se. N'ella se via grande numero de  
anjos, alguns d'elles vestidos com  
esmerado gosto, sendo enorme o nu-  
mero de fieis que a acompanharam,  
muito superior ao de outros annos e  
para o que de certo concorreu o ser  
mais cedo do que era costume, bem  
como pelo magnifico tempo que es-  
teve, verdadeiramente primaveril.

Prégou o sermão do encontro,  
bem como mais dois na igreja, o  
coadjutor da Certã, de que ha an-  
nos tem sido encarregado.

Regressaram de Lisboa a esta  
villa, aonde foram assistir aos feste-  
jos em honra do rei Eduardo VII,  
as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Maria Candida La-  
cêrda, D. Emilia e D. Ermelinda  
Lacerda, e os ex.<sup>mos</sup> sr.<sup>es</sup> D.<sup>r</sup> Mandiel  
Baeta Vasconcellos, Joaquim d'A-  
raujo Lacerda Junior, e sua esposa.

Tambem regressaram de Lisboa  
a Pedrogam Grande, os srs. Antonio  
Lourenço, e Joaquim José Pedroso.

O nosso presado assignante, de  
Reguengos, sr. Adelino Henriques  
Paes David, veio passar as festas da  
Paschoa com sua familia, em Escal-  
los (Pedrogam Grande).

**Endoenças**

Na visinha villa de Pedrogam  
Grande, realisou-se este anno, como  
nos anteriores, as cerimoniaes de se-  
mana santa.

**Senhora do Pranto**

Tem lugar no dia 19 do corrente,  
em Villas de Pedro, d'este concelho,  
com a costumada pompa, a festivi-  
dade a N. S. do Pranto, uma das  
imagens de maior devoção do povo  
d'estes sitios, sempre muito concor-  
rida.

E' um dos mordomos o sr. Anto-  
nio Henriques, d'aquella localidade,  
um sympathico moço que de cer-  
to envidará todos os esforços para  
que esta festividade tenha o maior  
luzimento.

E' abrilhantada pela philarmoni-  
ca de Castanheira de Pera.

**Publicações**

Da Livraria Central, de Gomes de  
Carvalho, na rua da Prata, 160,  
Lisboa, recebemos os volumes: *Amor*  
*d'Actriz*, por Conceição e Silva, um  
bonito livro de 370 paginas; *Scien-  
cia e Rgligião*, por Malvert, contendo  
no texto 156 gravuras, traduzido  
da edição franceza, por Heliodoro  
Salgado, um volume de 260 paginas;  
*Guy de Moupasant*, (Historia  
Antiga)—scena em verso—traduc-  
ção de Mayer Garção.

Esta scena foi pela primeira vez  
representada no theatro de D. Ma-  
ria II, na festa artistica do actor  
Ferreira da Silva, em 3 de março  
findo, obtendo grande exito:

Ao publico recommendamos es-  
tas obras de verdadeiro merito litte-  
rario, e ao seu incansavel editor  
agradecemos muito penhorado a gen-  
tileza da offerta.

**Novo alcool**

Dia a dia os progressos da sciencia  
vão causando verdadeiro assom-  
bro no dominio da industria. Entre  
elles apparece-nos agora o *alcool syn-  
thetico* extrahido com uma simplici-  
dade extraordinaria do *acetylene*.  
O novo alcool substituirá o petro-  
leo na iluminação, no aquecimento

e ainda na força motriz sem apresen-  
tar os inconvenientes d'este liquido.

Em França, onde nunca escasseiam  
capitales a qualquer empreza que se  
pense em fundar, immediatamente se  
organizou uma companhia para a fa-  
bricação e exploração do novo pro-  
ducto pretendendo fazer face á gran-  
de impostação do petroleo n'aquelle  
paiz, a qual attinge um valor annual  
superior a 8:000 contos de reis.

**O sulfato de cobre**

Este sal, indispensavel hoje na  
cultura da vinha tem encarecido ex-  
traordinariamente. Ainda ha 2 me-  
zes era cotado em 10\$125 reis os  
100 kilos e hoje a sua cotação é de  
13\$500 rets os mesmos 100 kilos.  
Este encarecimento provem da alta  
do cobre.

O commercio vende hoje o sulfato  
de cobre contendo apenas 1 a 2 %  
de impurezas, mas com a falta de  
offerta póde muit. bem acontecer que  
o commercio falsifique este producto.

Os viticultores devem estar preve-  
nidos, porque o sulfato de cobre fal-  
sificado não presta, não garante as  
vinhas dos estragos do mildiu.

Aconselhamos-lhes: pulverisar uma  
pedra de sulfato, dissolvê-lo com  
agua limpida, accreentiar lhe algu-  
mas gottas de amoniaco (aleali vola-  
til). Se o sulfato de cobre é puro da-  
rá uma bella côr azul com a addi-  
ção das gottas de amoniaco. Como  
o sulfato do commercio não é chimi-  
camente puro não se deve reparar  
n'uma ligeira turvação occasionada  
pela addição das gottas amoniacaes.

Se, ao contrario, o sulfato de co-  
bre é falsificado pelo sulfato de fer-  
ro, a coloração depois das gottas do  
amoniaco é d'um azul carregado, su-  
jo, que vai branqueando fazendo-se  
um deposito volumoso d'um verde  
negro sujo, em quanto que o liquido  
que sobrenada tem a côr azul do  
sulfato de cobre.

Reconhece-se tambem a fraude do  
sulfato de cobre quando, juntando-  
lhe o leite de cal, se otem, no dia  
seguinte uma côr ferruginosa.

**EM FAMILIA**

Charadas novissimas

No glotal une este medicamento  
—1-2.

Nas estradas não é boa mas é ge-  
nerosa esta mistura—1-1-1

Este metalloide na formula, na  
musica e no alphabeto é um medi-  
camento—3-1-1-1.

Treples.

Logographo rapido

Esta planta alegre  
1-2-3-4 5-6

é planta.

Treples.

Decifrações do numero 291:

Novissimas—Mandamento, Botica-  
ria, Merim, Lila.

**ANNUNCIOS**

Editos de 30 dias

(2.º ANNUNCIO)

Pela Juizo de Direito da Comarca  
de Figueiró dos Vinhos e cartorio  
do 1.º officio, correm editos de 30

dias, a contar da ultima publicação,  
citando Antonio Thomaz, residente  
em parte incerta na cidade de Lis-  
boa, para sob pena de revelia assis-  
tir a todos os termos do inventario  
orphanologico a que se procede por  
morte de Maria Henriques Baete, e  
de Domingos Thomaz, que foram da  
Castanheira de Pera.

Figueiró dos Vinhos, 2 de abril  
de 1903.

O escrivão do 1.º officio  
Joaquim F. de Campos Jardim.

Verifiquei—  
O Juiz de Direito  
João Ribeiro.

**CASA**

Vende-se uma casa ha pou-  
co acabada de construir, sita  
em bom local n'esta villa, que  
se compõe de lojas, 1.º andar e  
aguas-furtadas, tendo tambem  
um quintal.

N'esta redacção se diz.

**Enxofre e sulfato  
de cobre**

Chegou grande remessa d'este ar-  
tigo, ao estabelecimento de CARLOS  
LIBORIO, d'esta villa, que vende  
por preços limitadissimos.

**Canalisação  
para a agua e  
gáz acetylene**

Bombas para tirar e elevar  
agua para poços de 6 a 32 metros  
de profundidade.

Tubos de ferro, chumbo, la-  
tão, borracha e lona.

Gazometros para gaz ace-  
tylene, lustres, braços, lyras, etc.,  
em bronze e crystal.

Louças, retretes de luxo, la-  
vatorios, ourinões e bidets, etc.

Campainhas electricas —  
para-raios e telephones.

Esta casa a mais antiga e mais  
bem montada n'este genero em Coim-  
bra, é a unica que vende os artigos  
aos preços de Lisboa e Porto.

Importação directa das principaes  
fabricas do estrangeiro.

Installação de gaz e agua em thea-  
tros, clubs, estabelecimentos publi-  
cos e particulares e illuminações pu-  
blicas, por mais difficeis que sejam.

Pedir orçamentos. Envia-se gra-  
tis.

141—R. Ferreira Borges—143

**Caetano da Cruz Rocha**  
COIMBRA

Acceitam-se correspondentes.

**Aos agricultores**

Pulverisadores dos melhores fa-  
bricantes estrangeiros.

Reparações e accessorios para os  
mesmos.

Sulfato de cobre, cal e enxofre.

141—R. Ferreira Borges—143

**CAETANO DA CRUZ ROCHA**  
COIMBRA



## Internacional Companhia de Seguros

Effectuam-se seguros de incendio casual ou procedido de raio ou explosão de gaz.

No estabelecimento de

**Carlos Liborio**

FIGUEIRÓ DOS VINHOS.

## CARLOS LIBORIO

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Estabelecimento de mercearia,  
Ferragens, Quinquelharas  
e outros artigos

N'esta casa encontra o publico generos da melhor qualidade, pelos mais resumidos preços.

O seu proprietario encarrega-se de mandar vir quaesquer objectos que não sejam do ramo do seu estabelecimento, sendo-lhe encommendados.

**Vende camas de ferro pelos preços das fabricas, ficando por um preço que nenhum outro estabelecimento faz.**

## Madeira de castanho

Em todos os tamanhos—já para edificação, já para vazilhame—tem para vender o proprietario Joaquim d'Araujo Lacerda, d'esta Villa.

**POMADA contra herpes, empigens ou tinha, eczemas indolentes escrophulas em qualquer estado, tumores cancerosos e feridas antigas e as derivadas da syphilis.**

### Cura garantida

E' com a pomada Glycerado da formula do D.<sup>r</sup> Curvo, de 1695, que se effectuam estas maravilhosas curas.

Deposito em Coimbra, em casa de Antonio Fernandes—Rua do Corvo. Remette-se pelo correio.

**Preço 400 reis.**

## A LA VILLE DE PARIS

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

## PARA FUNERAES

Deposito de corôas, fitas e letras d'esta importante fabrica do Porto. Preços os mesmos do Porto e Lisboa. Tambem se recebem encommendas para flôres artificiaes.

Pedidos a—**José Miguel Fernandes David**—*Figueiró dos Vinhos.*

## CASA VAULTIER

62—CAES DO TOJO—64

LISBOA

Depositaria da casa

**G. Klene,**

DE

## BARCELONA

Fabrica todos os artigos de borrecha, em todos os generos a feitos. Amiantor em corda e folha. Correame em couro. Balata, pello de camello, algodão e coutechou. Oleos mineraes e muitos outros artigos para estabelecimentos fabris.

## BERNARDINO DE FREITAS

### Officina de Canteiro

CORREIO DOS CABAÇOS

CORTIÇA

Fornecê cantarias com ornatos ou sem elles, á vontade do freguez.

Jazigos, por planta á vista, fortificada por elle ou pelo freguez, por preços convencionados, mas sem competencia.

## Os Dramas da Côte

(Chronica do reinado de Luiz XV)

ROMANCE HISTÓRICO

POR

**E. LADOUCETTE**

Os amôres tragicos de Manon Lescaut com o celebre cavalleiro de Grioux, formam o entrecho d'este romance, rigorosamente historico, a que Ladoucette imprimio um cunho de originalidade de véras encantador.

A Côte de Luiz XV, com todos os seus esplendores e misérias, é descripta magistralmente pelo auctor d'**O BASTARDO DA RAINHA** nas paginas do seu novo livro, destinado sem duvida a alcançar entre nós exito igual áquelle com que foi recebido em Paris, onde se contaram por milhares os exemplares vendidos.

A edição portugueza do popular e commovente romance, será feita em fasciculos semanaes de 16 paginas, de grande formato, illustrados com soberbas gravuras de pagina, e constará apenas de 2 volumes.

**20 reis o fasciculo**

**100 reis o tomo**

**2 VALIOSOS BRIDES**

a todos os assignantes

Pedidos á—

**Bibliotheca Popular**

(Empreza Editora)

Rua da Rosa, 162—LISBOA

# ARITHMETICA PRATICA

Esta **Arithmetica**, verdadeiramente pratica, que o seu auctor escreveu de forma a poder ser estudada sem mestre, a unica que em portuguez segue tal orientação, torna-se muito util aos membros das classes **telegrapho-postal, commercial** e a todos que pretendam adquirir tão uteis conhecimentos, e bem assim aos alumnos de quaesquer escolas.

Podem desde já satisfazer-se quaesquer assignaturas a fasciculos de 32 paginas, semanal ou quinzenalmente, conforme a indicação dos assignantes.

Está já impresso o 5.º fasciculo e em breve o estará toda a obra para enviar-se d'uma só vez, a quem a requisite.

São já bastante avultadas as encommendas d'este livro, para diversos collegios da capital, cujos directores teem d'ella conhecimento.

O seu preço não excederá a 1\$300 reis e a assignatura a fasciculos de 32 paginas (formato 14×22), typo miúdo, é de 100 reis.

Os individuos que angariarem mais de 2 assignaturas, teem a commissão de 25 por ceto.

Os pedidos podem desde já ser feitos ao editor—**FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR—Figueiró dos Vinhos**, e ao seu auctor, em Lisboa, rua da Boa Vista, n.º 120—2.º andar.

BIBLIOTHECA INFANTIL

## PARA AS CRIANÇAS

Collecção de contos publicados sob a direcção da illustre escriptora

**D. Anna de Castro Osorio**

Publicação em folhetos  
illustrados, a 60 reis

Cada 6 folhetos formam um elegante volume para o qual a Empreza distribue uma bonita capa de brocureta impressa a cores.

Estão publicados 9 volumes, ou series, sendo o preço de cada, avulso, 400 reis.

A ultima serie intitula-se

### AS BOAS CRIANÇAS

Os contos que contem são dignos de ser lidos por todas as crianças, pela moralidade que encerram.

Preço da assignatura:—Anno, 12 folhetos, ou 2 volumes, 680; Sem., 6 folhetos, ou 1 vol., 340 reis.

Pagamento adiantado:—As cartas para serem publicadas em folha separada da publicação devem ser endereçadas á directora para Setubal.

Os pedidos d'assignaturas, fasciculos ou volumes avulso, e seu pagamento, devem ser feitos á administração. Livraria Editora de Guimarães Libania & C.<sup>a</sup>, rua de S. Roque, 108 e 110—Lisboa.

## A B C DO POVO

PARA APRENDER A LER

por

**TRINDADE COELHO**

COM DESENHOS DE

**RAFAEL BORDALLO PINHEIRO**

Oitenta paginas luxuosamente illustradas

Preço de cada exemplar, 50 reis  
Pelo correio, 60 reis

## Cartilha do Povo

Nova edição auctorizada pelo auctor

Preço de cada exemplar, 20 reis  
Pelo correio: 25 reis

A venda na casa editora—**Livraria Aillaud**—Rua do Ouro, 242, 1.º—Lisboa—e em todas as livrarias.

## Almanach das Aldeias para 1903

Publicado por Julio Gama—  
Collaborado pelos redactores da  
GAZETA DAS ALDEIAS

Este almanach, unico no seu genero que se publica em Portugal, é um precioso guia agricola illustrado, contendo numerosos artigos sobre varios assumptos, e todas as indicações proprias de livros d'esta ordem:

*Nenhum lavrador deve dispensar o*  
**ALMANACH DAS ALDEIAS.**

1 volume de 160 paginas, illustrado, 150 reis.

E' remittido, franco de porte, em todo o reino, a quem dirigir o pedido, **ACOMPANHADO DA RESPECTIVA IMPORTANCIA**, á administração da *Gazeta das Aldeias*, rua do Costa Cabral, 1216—Porto.

ALFREDO GALLIS

## SAPHICAS

VII da Tuberculose Social

Um volume 500 reis

E' este o titulo do VII volume da serie **TUBERCULOSE SOCIAL**, e bem tuberculose se pôde moralmente considerar essa repulsiva união de dois seres do mesmo sexo, que, se nos homens é uma vergonha aberrativa condemnada pelos moralistas e philosophos de todos os tempos, incluindo a propria obra de Deus no arrasamento de Sodoma e Ghomorra, entre as mulheres constitue uma das mais terriveis lepras que devora a sociedade e a constituição honesta da familia.

Neste livro o exemplo é frisante, e põe de sobreaviso todos os paes e mães, que a pessoas estranhas não devem confiar a guarda de suas filhas.

- I—*Os Chibos*, 1 vol. 500 reis.
- II—*Os predessinados*, 1 vol. 500.
- III—*Mulheres Perdidas*, 1 vol. 500.
- IV—*Decadentes*, 1 vol. 500.
- V—*Malucos*, 1 vol. 500.
- VI—*Os Politicos*, 1 vol. 500 reis.

LIVRARIA CENTRA de Gomes de Carvalho, Editor. Rua da Prata, 158, 160—LISBOA.